

QUALIDADE DA VINCULAÇÃO
AOS PAIS, COMO PROGNÓSTICO
PARA RELAÇÕES DE AMIZADE
DE QUALIDADE NA
ADOLESCÊNCIA

ANDREIA RUTE MARAVILHAS DE
OLIVEIRA

Orientador de Dissertação:
PROF. DRA. MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador do Seminário da Dissertação:
PROF. DRA. MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional.

Agradeço à minha orientadora, a Prof. Doutora Manuela Veríssimo, pela orientação, motivação e conselhos – por um caminho conjunto que não merecia. Pela informação sobre o procedimento e disponibilização de dados, por ter sido em concreto, quem permitiu a realização deste trabalho.

Pais e irmão, pelo apoio e presença em todos os momentos; pela motivação e compreensão nos momentos mais difíceis e pela clarificação de um caminho; pelo empenho na resolução de uma situação, que, todos encararam como pessoal, no sentido de um objectivo familiar.

A ti, Paulo, a minha base segura, porque leste comigo, porque reflectiste comigo; pelo esforço conjunto e por um objectivo comum. Contigo encontrei um caminho a seguir e um trilho a explorar.

À Tatiana, por ouvir. À Sofia, por compreender. À Raquel, por dizer. Às três, pela amizade.

À Marta e à Filipa, porque viram os dias maus e tornaram-nos bons, e porque viram os dias bons e tornaram-nos melhores!

Ao Dr. Miguel, pelo respeito e compreensão num tempo extraordinário à conclusão do meu curso. À dra. Luísa, pela preocupação e amizade, que sempre me fez sentir uma pessoa querida. Aos dois, pela confiança.

Ao João Pedro, porque acompanhou bem de perto a minha vida académica e me apoiou em todos os momentos.

À Andreia Afonso, porque, sem saber, que desatou o nó de ideias que tinha na minha cabeça.

O meu agradecimento final, a quem recolheu e tratou dos dados e a quem respondeu aos inquéritos, por serem, de certo modo, responsáveis na conclusão de todo este estudo.

RESUMO

Vários estudos apontam para a influência da qualidade da vinculação, nas futuras relações entre pares (p.e., Matos & Costa, 2006). Adolescentes com um tipo de vinculação segura com os pais, são mais capazes e competentes na manutenção das suas relações de amizade (Rubin, Dwyer, Kim & Burgess, 2004). Por sua vez, a amizade de qualidade é positivamente associada a índices de ajustamento e funcionamento psicossocial, competências que influenciam directamente o desenvolvimento do adolescente (Berndt, 1996). O objectivo deste estudo é verificar qual a relação existente entre a qualidade da vinculação aos pais e a qualidade da amizade com os pares, e se, existem diferenças entre rapazes e raparigas. A amostra constituiu-se por 736 adolescentes (356 do género feminino e 380 do género masculino) do 7º ano de escolaridade, entre os 10 e os 14 anos de idade, a quem foi pedido o preenchimento da Escala de Segurança – de modo a compreender a relação que os adolescentes têm com a figura de vinculação – e do Questionário da Qualidade da Amizade – com o objectivo de analisar as percepções de jovens relativamente a critérios qualitativos da amizade com o melhor amigo. Os resultados confirmam a relação positiva entre o tipo de vinculação aos pais e a qualidade da amizade com o melhor amigo.

Palavras-chave: Vinculação. Amizade. Adolescência. Desenvolvimento.

ABSTRACT

There are several studies that point to the influence of the quality of the attachment to parents, on the future peer relationships (e.g., Costa & Matos, 2006). Adolescents with a secure base relationship with parents, are more capable and competent in maintaining their friendships with peers (Rubin, Dwyer, Kim & Burgess, 2004). In turn, the friendship quality is positively associated to indices of adjustment and psychosocial functioning, competencies that influence adolescence development (Berndt, 1996). The aim of this study is to check what is the relationship between the quality of the attachment to parents and the quality of friendship with peers, and if there are differences between boys and girls. The sample consisted in 736 adolescents (356 females and 380 males) of the 7th grade, with ages between 10 and 14 years, who were asked to fill *Security Scale* – in order to understand the relationship between adolescents and attachment figures – and the *Friendship Quality Questionnaire* – in order to analyze the perceptions of young people about the qualitative criteria of their friendship with best friends. The results confirm the positive relationship between the type of attachment to parents and the quality of friendship with the best friend. There are differences in the friendship quality, between boys and girls.

Key words: Attachment. Friendship. Adolescence. Development.

ÍNDICE

Introdução	8
A Primeira Relação como Prognóstico para uma Amizade de Qualidade	8
Revisão de literatura	9
A Adolescência – Um Caminho pelas Relações de Amizade	9
Interacções entre Pares	10
O que são?	11
Qual o Percurso Desenvolvimental que Seguem?	11
Que Diferenças se Registam nas Interações entre Pares e qual a Importância dessas Diferenças?	12
A Teoria da Vinculação	15
Estilos de Vinculação	16
Modelo Interno Dinâmico	17
A Vinculação aos Pais, como o Vínculo aos Amigos	17
Método	19
Participantes	20
Instrumentos	20
<i>Questionário da Qualidade da Amizade</i>	20
<i>Escala de Segurança</i>	20
Procedimento	21
Resultados	22
A Qualidade da Amizade	22
Características da Amizade em Função do Género	23
A Relação de Segurança à Mãe e ao Pai	23
A Relação de Segurança à Mãe e ao Pai, em Função do Género	24
Correlação entre a Qualidade da Amizade e a Segurança à Mãe e ao Pai	24
Discussão	26
Referências bibliográficas	34

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1</u> : Médias e Desvios Padrão relativos à amizade, em função do género.....	23
<u>Tabela 2</u> : Médias e Desvios Padrão relativos à segurança à mãe e ao pai, em função do género	22

A Primeira Relação como Prognóstico para uma Amizade de Qualidade

A teoria da vinculação de Bowlby (1969) foi organizada sobre o conceito da existência de um sistema comportamental que regula os comportamentos de procura de proximidade e manutenção de contacto da criança com outros indivíduos específicos, que providenciam segurança física ou psicológica.

É o sistema de vinculação que proporciona à criança um conjunto de percepções acerca de si própria, dos outros e do mundo que, por sua vez, correspondem à interiorização das características das interações entre ela e os pais – *working models* (Bowlby, 1973). Estes modelos influenciam os padrões de interação das relações de proximidade emocional da criança (Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleira & Magarinho, 2004) – a investigação de Rodrigues et al. (2004), permitiu concluir que as memórias dos cuidados parentais na infância relacionam-se tanto com o estilo de vinculação, como com a qualidade dos relacionamentos de adolescentes grávidas. As autoras consideraram ainda a hipótese de o estilo de vinculação ser uma variável mediadora entre as memórias de cuidados parentais e a qualidade das relações que as grávidas adolescentes estabelecem com o companheiro.

De facto, “estudos empíricos demonstraram que as crianças com uma vinculação mais segura com as figuras parentais são mais capazes de co-construir relações significativas com os pares, e que os relacionamentos afiliativos das crianças (em particular as amizades) parecem ter um grande impacto no desenvolvimento social ao longo da vida” (Torres, Santos & Santos, 2008, p.435).

A amizade surge como a partilha de conhecimento mútuo e lealdade, confiança de angústias e tristezas e celebração de vitórias. O estar inserido num grupo é proteger e ser-se protegido. Ter amigos permite a construção e validação do Eu. A relação com os colegas ou amigos é uma das influências mais importantes para o desenvolvimento social e emocional da

criança e do jovem (Oliveira, 1999), sendo que o papel dos pares ou dos amigos não é exclusivo ao número de amigos, mas sim à qualidade percebida dessas relações (Matos, 2003).

Por sua vez, a qualidade da amizade é associada ao aumento da auto-estima (Keefe & Berndt, 1996), ao ajustamento escolar (Berndt & Keefe., 1995) e a baixos níveis de solidão (Parker & Asher, 1993).

A Adolescência – Um Caminho pelas Relações de Amizade

A adolescência é um estado de transição; é uma etapa de crescimento da imaturidade da infância, para a maturidade do mundo adulto e de preparação para o futuro (Feldman, 2005; Steinberg, 2008). É um tempo de transições biológicas, cognitivas e sociais (Ibid.).

Erikson (1972) refere que:“ (...) nos últimos anos de escolaridade, os jovens, assediados pela revolução fisiológica da sua maturação genital e a incerteza dos papéis adultos à sua frente, parecem muito preocupados com as tentativas mais ou menos excêntricas de estabelecimento de uma subcultura adolescente e com o que parece ser mais uma final do que uma transitória ou, na realidade, inicial formação da identidade.” (p.128).

De facto, “a tarefa por excelência do adolescente é a construção da sua identidade.” (Costa, 1991, p.143). Nesta etapa, o jovem “ (...) tenta dar um significado coerente à sua vida integrando as suas experiências passadas e presentes e procurando um sentido para o futuro” (Ibid., p. 143).

É nesta procura do Eu, a caminho de uma construção da auto-estima e da socialização, que surgem as verdadeiras relações de amizade, baseadas numa maior capacidade em expressar e manifestar valores como a honestidade, a lealdade e o altruísmo (Cordeiro, 2006).

Bukowski, Motzoi e Meyer (2009), referem que a amizade, por ser a primeira grande relação interpessoal, onde a hierarquia é posta de lado – até então, as relações íntimas que a

criança tinha era com os pais – pode ser encarada como: (1) uma validação do “eu” que, por seu turno, tem consequências directas no desenvolvimento do auto-conceito; (2) como factor de protecção e moderação entre factores de risco e de ajustamento; (3) como protecção contra a vitimização; e (4) como uma concretização da moralidade, onde se estabelecem condutas que minimizam o mal e maximizam o ajustamento, assegurando assim um tratamento justo e livre de risco.

Portanto, o “ter amigos” assume uma importância extrema no desenvolvimento psicossocial do adolescente.

A disponibilização de suporte instrumental e emocional, a ajuda na resolução de tarefas desenvolvimentais, a definição de ideias, valores e objectivos e a possibilidade de influenciar comportamentos sociais responsáveis ou comportamentos de risco, fazem das relações de amizade, uma etapa imprescindível ao “ser-se alguém” (Alves-Martins, 1998; Cordeiro, 2006; Gouveia-Pereira, 1998; Matos, 2008).

Quase todos os adolescentes aderem a um grupo, seja ele formal ou informal (Gouveia-Pereira, 1995). Para eles, a importância dada ao grupo de pares, pode dever-se à identificação que sentem em relação ao grupo, onde há espaço para conversar sobre os seus problemas, angústias, incertezas e sentimentos (Gouveia-Pereira, Pedro, Amaral, Alves-Martins & Peixoto, 2000) ou, segundo Pais (2003), por poder ser uma forma de compensação dos vazios de sociabilidade deixados, por exemplo, pela escola ou pela família.

Para Cordeiro (2006), um desajuste ao nível das relações entre os pares, pode determinar falhas na construção da identidade, na auto-descoberta ou até isolamento social na fase tardia da adolescência.

Interacções entre Pares

O Que São?

Por interacção, entende-se o registo causal que ocorre quando a acção de alguém desencadeia uma reacção noutra pessoa. Schaffer (1996) descreve as interacções como os comportamentos que os indivíduos apresentam, quando participam numa actividade conjunta.

Percorrendo níveis cada vez mais complexos de interacção, constroem-se as relações. Aqui, as trocas comunicativas ganham relevo numa maior e complexa linguagem não verbal – p.e., gestos, postura, aproximação física – denunciando o tipo de relação em causa. Este resultado não se consegue obter a partir do somatório de várias interacções, mas de características próprias da relação como a fidelidade, o envolvimento ou a devoção (Schaffer, 1996).

Assim, as relações de amizade acontecem dentro de redes sociais complexas – que incluem a criança ou o jovem (com as suas características pessoais), os seus pares e amigos, familiares, entre outros (Garcia, 2005) – onde as interacções tomam uma forma muito particular: a intimidade (Berndt, 1982).

Qual o Percurso Desenvolvimental que Seguem?

Foi já referida a grande importância das relações de amizade na adolescência. No entanto, Rubin (1980) refere que as *amizades* são parte integrante da vida da criança logo a partir dos três anos de idade. A partir daqui, as crianças passam cada vez mais tempo em interacção com os pares, até que, por volta da adolescência, este tempo passado com o “melhor amigo”, excede qualquer outro momento passado com qualquer outro agente de socialização.

De facto, os primeiros sinais de socialização entre bebé-bebé, verificam-se logo a partir do primeiro ano de vida, quando o bebé repara e responde ao choro de outro bebé (Hartup, 1983; Hay, Caplan & Nash, 2009).

Com o desenvolvimento da linguagem, registam-se alterações qualitativas e quantitativas ao nível das interacções – as trocas sociais tornam-se mais complexas e, com a chegada à idade pré-escolar, inicia-se a diferenciação social (selecção dos pares) (Coplan & Arbeau, 2009).

Os anos seguem-se, e a entrada para a escola permite a tomada de consciência de que existem ideias e pontos de vista diferentes dos seus. É com a gestão de tais divergências, que as competências comunicativas adquirem contornos mais eficazes, estando a resolução de problemas eminente com tal mudança qualitativa (Hartup, 1983). A par da construção e respeito pelas normas sociais, também a partilha e diversas formas de altruísmo vão surgindo (*Ibid.*).

Embora sigam um percurso desenvolvimental aparentemente estável e hierárquico, o seu resultado não determina um padrão para as relações que daí advém e, conseqüentemente, o seu efeito na vida dos adolescentes.

Que Diferenças se Registam nas Interacções entre Pares e qual a Importância dessas Diferenças?

A investigação contemporânea sobre a amizade aponta para “amizades” que variam ao longo de muitas dimensões. Este vínculo entre amigos pode ser destrutivo para o desenvolvimento do jovem, caracterizando-se por interacções conflituosas e stressantes, ou construtivo, manifestando-se através de interacções positivas e de apoio (Garcia & Pereira, 2008). No entanto, existe ainda um conhecimento limitado acerca das variações nos tipos, funções e qualidades das amizades, a sua formação, dissolução e factores determinantes à sua estabilidade e manutenção (*Ibid.*).

Ainda assim, assistindo a um contexto onde as interacções entre crianças e jovens tomam o lugar principal (p.e., o recreio), é possível assinalar diferenças em cada uma delas: se por um lado temos os líderes e populares, por outro temos os solitários.

Relembrando, a selecção de pares segue a premissa da “continuidade do Eu”: tendencialmente, os jovens elegem como amigos outros jovens da mesma idade, raça, sexo e mesmo nível de competência em determinadas actividades, ou jovens com os mesmos interesses, valores, crenças e atitudes (Rubin, Bukowski e Parker, 2006; Cordeiro, 2006).

O “ser-se aceite” depende apenas de um conjunto de factores comuns aos intervenientes na relação. No entanto, a formação e manutenção das relações exige competências sociais específicas – ao compararem amigos e não amigos, Newcomb e Bagwell (1995) concluíram que (1) os amigos envolvem-se mais vezes em interacções positivas e demonstram mais afecto positivo do que os não amigos; (2) os amigos são mais semelhantes no que toca ao comportamento e mais leais; e, (3) embora entrem em conflito com a mesma frequência que os não amigos, os amigos esforçam-se mais por resolvê-los. Assim, “ter amigos é um indicador de competências interpessoais específicas” (Torres et al., 2008, p. 436), onde a aproximação, a coordenação, a responsividade, a similaridade, o afecto e o comportamento, constituem as principais diferenças nas interacções entre amigos e entre não-amigos (Bukowski, Motzoi e Meyer, 2009).

A manutenção de uma relação de amizade é, como foi já referido, essencial ao desenvolvimento psicossocial do adolescente. No entanto, “ter um melhor amigo” pode não garantir o apoio que os jovens precisam nesta etapa.

Parker e Asher (1993) verificaram que a qualidade da relação com o melhor amigo pode não ser suficiente para evitar comportamentos descritos como solitários: várias crianças que eram pouco aceites pelo grupo tinham melhores amigos mas ainda assim, estas amizades

eram consideradas mais fracas em critérios de qualidade. Assim, factores como ter um melhor amigo, a qualidade da amizade e a aceitação do grupo, são contribuições distintas para a predição da solidão.

Ter uma amizade de qualidade garante o papel que este vínculo tem na vida dos adolescentes, já que está positivamente relacionada com os índices de ajustamento e funcionamento psicossocial (Keefe & Berndt, 1996). Por outras palavras, más relações com os pares são prognóstico de delinquiência e distúrbios comportamentais (Hartup, 1983); confirmando, em 1970, Mednick e Schulsinger, ao fazerem uma retrospectiva sobre as história pessoal de sujeitos em risco de distúrbios emocionais e/ou comportamentais, observaram que o factor “relações pobres com os pares” era constante na biografia de cada um.

Por sua vez, a qualidade do relacionamento que o jovem mantém com os seus pares, relaciona-se com a qualidade dos laços emocionais que o jovem estabeleceu com a família (Matos & Costa, 2006).

De facto, existe investigação suficiente que assegura a conclusão de que as crianças socialmente bem sucedidas têm mães que direccionam adequadamente os seus sentimentos. São mães mais positivas, mais propensas a utilizar o raciocínio indutivo e menos negativas e coercivas nas interacções com os seus filhos (quando comparadas com as outras crianças, cujas interacções sociais não são tão bem sucedidas) (Rubin et al., 2006).

Já Rubin, Dwyer, Kim e Burgess (2004), ao investigarem os principais efeitos das relações dos adolescentes com os pais e os amigos, no seu funcionamento psicossocial, verificaram que os adolescentes que percepcionavam os pais como fonte de apoio e suporte, se consideravam socialmente mais capazes e competentes. Simultaneamente verificou-se uma

associação positiva entre a qualidade da amizade/auto-estima e a qualidade da amizade/percepção da competência social.

Por outro lado, no estudo de Marcotte, Marcotte e Boufford (2002), concluiu-se que a delinquência nos adolescentes estava relacionada com baixos níveis de suporte familiar.

Schaffer (1996) refere que é comum a crença de que a primeira relação actua como protótipo para as relações emocionais futuras.

A Teoria da Vinculação

A teoria da vinculação de Bowlby (1969) implica o apego da criança à mãe, como uma parte essencial da espécie humana. A busca de proximidade com as figuras de vinculação para obtenção de segurança e apoio psicológico, quando necessários, são características básicas para a sobrevivência, tal como comer (Collins, 1996).

A construção de relações de base segura são catalisadas nos primeiros anos de vida da criança e baseiam-se num mapa de trocas comportamentais, que caracteriza as histórias individuais do bebé e do seu cuidador. Mães sensíveis aos sinais do bebé e que respondem adequadamente, possibilitam que a criança construa expectativas que, gradualmente, se formam numa representação interna da sua mãe como habitualmente acessível e responsiva – “working-models” (Bowlby, 1969).

Desta forma, a ligação da mãe (ou outra figura que preste cuidados) ao bebé torna-se o modelo das relações vindouras, promove expectativas e assunções acerca de si próprio e dos outros, ao ponto de influenciar a competência social e o desenvolvimento emocional ao longo da vida (Skolnick, 1986, cit. por Ribeiro & Sousa, 2002).

De facto, “O comportamento de vinculação do adolescente parece, à primeira vista, divergir acentuadamente dos padrões de comportamento de vinculação observados em idades mais precoces. Os adolescentes parecem estar activamente envolvidos num propositado

afastamento das relações de vinculação com os pais, ou outras figuras de vinculação. (...) Ainda assim, a investigação tem mostrado cada vez mais que a autonomia do adolescente é mais facilmente estabelecida, não em detrimento da relação de vinculação com os pais, mas contra um contexto de relações seguras, susceptíveis de se manterem muito para além da adolescência.” (Allen & Land, 1999, p. 319).

Então, se as relações de vinculação servem de modelo às relações que hão-de vir, como explicar as diferenças comportamentais que se observam nessas relações futuras?

Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), mostraram que existem diferenças na organização do comportamento de base segura das crianças, levando a três diferentes estilos de vinculação. Tais diferenças dependem de recursos que suportam as interações entre o cuidador e o bebé: (1) sensibilidade aos sinais que o bebé manifesta, (2) cooperação com o comportamento infantil, (3) acessibilidade ao bebé e (4) aceitação do papel de cuidador e das constantes necessidades do bebé.

Estilos de Vinculação

Ainsworth et al. (1978), a partir de um contexto padronizado em laboratório – *situação estranha* – classificaram os padrões de comportamento demonstrados, particularmente os episódios da reunião após a separação entre o bebé e a mãe.

A teoria propõe a existência de três estilos gerais, no que toca aos sentimentos experienciados na activação do sistema comportamental de vinculação, em função da disponibilidade materna – o estilo *Seguro*, o *Inseguro-Evitante* e o *Inseguro-Resistente* (Ainsworth et al., 1978).

Segundo os autores, as crianças do tipo seguro são mais sociáveis, mais alegres, menos inibidas, mais sorridentes e sentem-se à vontade para explorar o ambiente. As crianças com um estilo de vinculação do tipo inseguro-evitante mantém a proximidade com a mãe, mas

evitam o contacto físico, explorando o ambiente na defensiva. Por último, as crianças do tipo inseguro-resistente demonstram como comportamentos de vinculação: o contacto visual, o chamamento e o movimento para restabelecimento de contacto.

Bowlby (1973) argumentou que a representação mental das relações, se fossem de base segura, permitiriam à criança a continuação do sentimento de segurança, mesmo não estando o cuidador fisicamente presente. Num continuum de segurança, crianças com uma vinculação segura desenvolveriam expectativas sociais positivas para as relações, dado terem construído modelos internos dinâmicos caracterizados dessa forma (Torres et al., 2008).

Modelo Interno Dinâmico

Relembrando, Bowlby (1969) estabelece a ligação da criança à mãe como um sistema comportamental que regula os comportamentos de proximidade e exploração do ambiente. O objectivo primário deste sistema não é só a manutenção da proximidade entre a mãe e a criança, mas também a protecção da criança pela mãe, face a eventuais perigos – função biológica (Veríssimo & Salvaterra, 2006). Numa fase mais tardia, a criança internaliza o modelo de interacção com a figura materna, proporcionando-lhe segurança para se sentir à vontade para explorar o meio – função psicológica (Ibid.).

A teoria aponta para as conceptualizações dos indivíduos acerca da vinculação, como uma reflexão dos seus próprios modelos internos de vinculação (Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos & Waters, 2005). Sendo uma internalização da primeira relação do bebé, o estudo dos modelos dinâmicos é particularmente importante, já que é o desenvolvimento social precoce que constitui as bases do que será o nosso relacionamento social futuro (Schaffer, 1996).

Assim, os modelos internos dinâmicos são representações de relações de vinculação, passadas e presentes, que constituem uma base de dados que pode ser consultada aquando da construção de novas relações (Zimmerman, 2004).

A Vinculação aos Pais, como o Vínculo aos Amigos

“Nas crianças e adolescentes socialmente rejeitados, associam-se a agressividade, desajustamento ou o isolamento social, e maiores problemas na escola (...). Vários autores tentaram associar estes estilos relacionais com um estilo de vinculação precoce, com as figuras parentais (...)” (Matos, 2008, p.252).

A quantidade e a qualidade das interacções vividas são encaradas como condição para o desenvolvimento de vínculos nas relações interpessoais futuras, por sua vez, o tipo de vínculos estabelecidos é a reprodução dessas interacções passadas (Carvalho, Bastos, Rabinovich & Sampaio, 2006): crianças com uma vinculação insegura em relação aos cuidadores, mostram mais interacções negativas com os pares, enquanto que interacções positivas entre as crianças e os cuidadores estão positivamente relacionadas com as interacções entre essas crianças e os seus pares (Rubin et al., 2006; Leve & Fagot, 1997).

Numa meta-análise feita com base em 65 estudos, verificou-se que o tamanho do efeito da associação entre a vinculação à mãe e o sucesso nas relações com os pares foi 0,20 (Schneider, Atkinson & Tardif, 2001).

Portanto, a qualidade das interacções vividas com os pais, é vista como um condicionante para o desenvolvimento de vínculos de qualidade nas relações interpessoais futuras (e.g., Carvalho et al., 2006), já que a representação das relações de vinculação constitui um modelo interno de funcionamento nas relações vindouras – vários estudos mostram uma relação entre a qualidade da vinculação, as relações entre pares e o número de amizades recíprocas, em crianças com idade pré-escolar e escolar (Clark & Ladd, 2000).

Assim, qual será a relação entre a qualidade da vinculação à mãe e ao pai e a qualidade da amizade? Visto que a literatura aponta para uma relação positiva entre as duas variáveis, espera-se que quanto melhor a qualidade de vinculação da criança aos pais, mais qualidade terão as relações de amizade entre ela e os seus pares.

Por sua vez, existe evidência empírica que verifica as diferenças nas interações da criança (ou do jovem) com os pares, consoante o género (Clark & Ladd, 2000). Deste modo, a relação entre a qualidade da vinculação aos pais e a qualidade da amizade, poderá ser diferente consoante o género?

Este estudo insere-se num projecto de investigação longitudinal: “Relações de amizade, e com a família, nas trajectórias de isolamento social em jovens adolescentes” financiado pela FCT (PTDC/PSI-PDE/098257/2008); desenvolvido pela Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE – Linha 1: Psicologia do Desenvolvimento) do ISPA-IU. Pretende-se verificar qual a relação existente entre a vinculação aos pais e a qualidade da amizade em crianças nas etapas da pré-adolescência e adolescência. O estudo segue um raciocínio quantitativo, descritivo e relacional.

MÉTODOS

Participantes

Participaram 736 adolescentes (356 do género feminino e 380 do género masculino), todos a frequentar o 7º ano de escolaridade. A faixa etária tem como limites mínimo e máximo os 10 e os 14 anos de idade ($M=12,24$, $DP=1,27$). Os jovens são oriundos de cinco escolas da região da Grande Lisboa.

Instrumentos

Questionário da Qualidade da Amizade

O *Questionário da Qualidade da Amizade* (FQQ; Parker & Asher, 1989) analisa as percepções de jovens relativamente a critérios qualitativos da amizade com o melhor amigo. A qualidade da amizade fica assim passível de ser mensurada.

O questionário é constituído por 40 itens, organizados em 6 sub-escalas – (1) Validação e Cuidado, (2) Resolução de Conflitos, (3) Conflito e Traição, (4) Ajuda e Orientação, (5) Companheirismo e Recreação e (6) Trocas Íntimas. As respostas são dadas com referência a um amigo-alvo (o melhor amigo) e com base numa escala tipo likert de 5 pontos: 0) *Not all true*, 1) *A little true*, 2) *Somewhat true*, 3) *Pretty true*, 4) *Really true*

A fiabilidade do questionário é-nos dada por uma análise aos Alphas de Cronbach de cada uma das 6 dimensões: Aprovação e Cuidado – 0,90; Resolução de Conflitos – 0,73; Conflito e Traição – 0,84; Ajuda e Orientação – 0,90; Companheirismo e Recreação – 0,75; Trocas Íntimas – 0,86. Os valores revelam consistência interna em cada sub-escala.

Escala de Segurança

A *Escala de Segurança* (Kerns, Klepac & Cole, 1996) é um questionário de auto-resposta, cujo objectivo é aceder à percepção que as crianças e pré-adolescentes têm da relação com a figura de vinculação.

O questionário incide sobre três premissas que o organizam: (a) até que ponto é que a criança percebe a sua figura de vinculação como responsável e acessível, (b) a tendência da procura da figura de vinculação como apoio a situações de stress e (c) qual o interesse da criança em manter contacto com a figura de vinculação.

Estas premissas estão organizadas em 15 itens e as respostas são dadas com base numa escala de 4 pontos, onde as perguntas são apresentadas no formato: “Enquanto que algumas crianças..., outras crianças...”.

A indicação de resposta segue duas orientações: qual das afirmações é a que caracteriza melhor a sua situação e se esta afirmação é completamente verdadeira ou não. Este questionário é considerado fiável, com um Alfa de Cronbach de 0,84.

Procedimento

Numa primeira fase foram contactadas as Direcções das Escolas, apresentados os objectivos e procedimentos do projecto e pedida autorização para a recolha de dados.

Cedida a autorização e tendo por base os horários escolares das turmas envolvidas no projecto, elaborou-se uma proposta de recolha de dados entregue aos respectivos Directores de Turma. Aos alunos foram entregues pedidos de cedência de participação no projecto, a serem assinados pelos encarregados de educação. A par desta distribuição os observadores dirigiram-se às turmas para explicar os objectivos da investigação e esclarecer possíveis dúvidas.

Constituída a amostra, iniciou-se a recolha de dados. Os dois instrumentos anteriormente descritos, foram aplicados em grupo e em contexto de sala de aula. Os alunos foram informados acerca da confidencialidade das suas respostas, referindo-se que os dados seriam unicamente utilizados para fins científicos. Pediu-se que as respostas dos jovens reflectissem a opinião de cada um e, por isso, que não fossem discutidas em público (a cotação certo/errado não seria, portanto, factor em consideração).

Cada sessão durou, aproximadamente, 90 minutos.

RESULTADOS

Concluída a fase de recolha de dados, procedeu-se ao tratamento das informações recolhidas pelos dois instrumentos, com recurso ao software SPSS Statistics 17.0.0.

A Qualidade da Amizade

A organização dos resultados relativos à Qualidade da Amizade, tem como fundamento perspectivar a relevância dos comportamentos do *melhor amigo* nos aspectos qualitativos da amizade – na Tabela 1 estão descritos valores médios e desvios-padrão das seis dimensões da Escala.

Analisando as médias obtidas, de um modo geral, verifica-se que as raparigas quantificam de forma mais positiva os comportamentos que o melhor amigo tem para com elas. Os rapazes também assinalam positivamente este elo de ligação.

Dito de outra forma, as raparigas enaltecem mais os comportamentos de Aprovação e Cuidado, e Companheirismo e Recreação; referem mais tentativas de Resolução de Conflitos e atitudes de Ajuda e Orientação; assinalam mais Trocas Íntimas, quando comparadas com os rapazes.

Estes, por sua vez, referem a existência de mais situações de Conflito e Traição, quando comparados com as raparigas.

Tabela 1: Médias e Desvios Padrão relativos à amizade, em função do género

	Média		Desvio-Padrão	
	♀	♂	♀	♂
Aprovação e Cuidado	3,97	3,59	0,75	0,82
Resolução de Conflitos	4,03	3,67	0,92	1,06
Conflito e Traição	1,56	1,74	0,74	0,86
Ajuda e Orientação	3,98	3,53	0,86	0,97
Companheirismo e Recreação	3,54	3,20	1,02	1,02
Trocas Íntimas	4,09	3,93	0,95	1,07

Características da Amizade em Função do Género

Realizando o teste ANOVA, conseguimos identificar diferenças estatisticamente significativas para as seis dimensões qualitativas da amizade, mediante o género – *Aprovação e Cuidado*, $F(1, 891) = 47.348$, $p < 0.05$, *Resolução de Conflitos*, $F(1, 883) = 28.839$, $p < 0.05$, *Conflito e Traição*, $F(1, 884) = 11.368$, $p < 0.05$, *Ajuda e Orientação*, $F(1,883) = 52.338$, $p < 0.05$, *Companheirismo e Recreação*, $F(1, 882) = 24.961$, $p < 0.05$, *Trocas Íntimas*, $F(1, 878) = 106.145$, $p < 0.05$.

A Relação de Segurança à Mãe e ao Pai

A análise às médias e desvios-padrão descritos na Tabela 2, conseguidos através dos resultados da *Escala de Segurança*, permite compreender que rapazes e raparigas, analisam o vínculo/relação com os pais de forma similar – registam-se médias muito próximas.

Tabela 2: Médias e Desvios Padrão relativos à segurança à mãe e ao pai, em função do

	género			
	Média		Desvio-Padrão	
	♀	♂	♀	♂
Segurança à Mãe	3,11	3,12	0,60	0,46
Segurança ao Pai	2,80	2,85	0,58	0,50

A Relação de Segurança à Mãe e ao Pai, em Função do Género

A realização de uma ANOVA testou as diferenças da segurança das raparigas e dos rapazes a cada um dos progenitores. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na relação de segurança à mãe e ao pai, nem entre cada uma delas.

Correlação entre a Qualidade da Amizade e a Segurança à Mãe e ao Pai

Os dados obtidos revelam qual a relação entre a segurança à mãe e ao pai, e cada uma das dimensões da qualidade da amizade.

Os resultados indicam correlações positivas, embora fracas, entre todos aspectos qualitativos da amizade e a segurança aos pais, menos na dimensão que descreve comportamentos de Conflito e de Traição, onde a correlação é, como seria de esperar, negativa.

A partir de uma análise mais detalhada, verificamos que a correlação com o valor mais elevado é assinalada na dimensão Aprovação e Cuidado, para a segurança ao pai ($r = 0,19$, $p < 0,01$); com um valor relativamente próximo, a segurança à mãe também contribui de forma positiva para aspecto qualitativo em análise ($r = 0,18$, $p < 0,01$).

Com valores positivos, embora inferiores, a sub-escala que regista a relevância de comportamentos de Ajuda e Orientação, reflecte uma tendência positiva de acordo com a segurança aos pais; a relação mais elevada regista-se na segurança ao pai ($r = 0,154$, $p < 0,01$).

A dimensão Resolução de Conflitos também mostra a relevância da primeira relação, tendo o seu valor mais forte na concordância entre a relação com a mãe e o aspecto qualitativo em causa ($r = 0,148$, $p < 0,01$).

Finalmente, com a mesma tendência positiva, as dimensões Companheirismo e Recreação ($r = 0,142$, $p < 0,01$) e Trocas Íntimas ($r = 0,118$, $p < 0,01$), confirmam a importância de uma relação de segurança com os pais, estando o valor mais elevado das duas sub-escalas relacionado com a segurança ao pai.

Tal como foi referido anteriormente, a única correlação que se esperava negativa, diz respeito aos comportamentos de Conflito e Traição na amizade: uma relação que registe comportamentos seguros entre os pais e a criança, promove relações de amizade livres de conflitos e atitudes traidoras ($r = -0,145$, $p < 0,01$).

Portanto, os resultados apontam para uma relação positiva entre a vinculação aos pais e a amizade de qualidade, ou seja, a qualidade da primeira relação parece influenciar a qualidade das restantes; por outras palavras, o estabelecimento de um padrão de comportamentos seguros entre os pais e a criança, parece ser importante para o desenvolvimento de relações de qualidade futuras.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo confirmam a existência de uma relação entre a representação da vinculação aos pais, na infância, e as relações de amizade que têm lugar na adolescência. Jovens adolescentes com uma representação de vinculação segura com os pais, experienciam relações de amizade mais próximas com os seus pares – comparativamente a outros jovens cujo estilo de interacção com os pais não permitiu a construção de uma base segura (Zimmermann, 2004).

Uma vinculação segura promove bons níveis de auto-estima e sentimentos de eficácia na criança; tal, num contexto onde as interacções precoces são recíprocas e de qualidade, potencia a representação de futuras respostas positivas dos pares e a expectativa de construção de laços de amizade (Booth, Kenneth & Rose-Krasnor, 1998). O próprio fenómeno “base segura” promove as oportunidades para a experiência de interacções positivas, ao favorecer a exploração activa de um ambiente novo (*Ibid.*).

O desenvolvimento cognitivo associado à entrada na adolescência, está directamente relacionado com a procura e escolha de amigos como figuras de vinculação de *conveniência* em determinados contextos (Waters & Cummings, 2000).

O adolescente transfere para o par, as características da relação de vinculação que teve com os pais - *working models* (Bowlby, 1973): verifica-se que os factores associados a futuras relações duradouras e de qualidade, estão interligados a uma primeira construção de relação segura entre os pais e as crianças; uma relação baseada no cuidado, confiança e intimidade (Fraley & Davis, 1997).

Em concordância, um dos resultados do nosso estudo mostra também uma associação positiva entre a relação de vinculação com os pais e dois dos aspectos qualitativos das relações de amizade: Cuidado e Trocas Íntimas.

Uma amizade de qualidade proporciona à criança oportunidades de socialização que não são facilmente obtidas em qualquer outra relação – a gestão de conflitos, a cooperação e a partilha, são exemplos de ganhos sociais, indispensáveis a uma actuação plena em sociedade (Hartup, 1992).

A resolução de conflitos, mobilizando recursos cognitivos e emocionais, pode traduzir-se em dois tipos de comportamento: uma conduta desajustada e violenta ou, pelo contrário, resiliente e racional (Silva Leme, 2004). Uma ou outra conduta deriva de experiências anteriores, muitas vezes modelo para a atitude actual.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), o conflito interpessoal representa um dos factores de risco ao desenvolvimento saudável na adolescência. A promoção de competências sociais, entre elas a resolução de conflitos, é um conteúdo constante nos programas de promoção para a saúde, tantas vezes postos em prática nesta etapa do desenvolvimento (Baptista, Tomé, Matos, Gaspar & Cruz, 2009). O ideal seria um número menor de ocorrências de confronto e, para aquando do seu registo, a mobilização dos recursos adequados à sua resolução – no nosso estudo, verificámos que uma vinculação segura diminui o número de conflitos e, quando os mesmos acontecem, a sua resolução é facilitada.

Saferstein, Neimeyer e Hagans (2005), também estabeleceram uma relação entre a vinculação segura e a ocorrência e resolução de conflitos: jovens com uma vinculação segura têm menor número de problemas e resolvem-nos com mais facilidade nas suas relações de amizade.

A própria inserção num grupo de pares promove competências sociais mais apropriadas para lidar com situações conflituosas, diminui a hostilidade e reduz índices de ansiedade social (Tomé, 2009). Considerando que o jovem adolescente vive uma etapa onde os conflitos e as contradições marcam o seu percurso, a amizade surge como um porto de

abrigo, onde há abertura para a reflexão conjunta das suas angústias, medos, dúvidas, problemas, sentimentos, etc. (Gouveia-Pereira et al., 2000) – a impossibilidade de partilha pode levar a sentimentos de solidão por ausência de orientação, chegando, inclusivamente, a influenciar a percepção de felicidade (Cheng & Furnham, 2002).

Adolescentes que não desfrutam de uma boa amizade, têm mais dificuldade em falar com os colegas, consomem mais tabaco, consomem mais substâncias ilícitas, experimentam mais frequentemente heroína e *ecstasy* e sentem-se mais vezes sozinhos e infelizes – resultados do estudo realizado em Portugal Continental, integrado no estudo internacional HBSC (Matos, Simões, Tomé, Gaspar, Camacho & Dinis, 2006).

No nosso estudo, a associação entre a vinculação aos pais e a procura de ajuda e orientação na amizade, é positiva.

Os pais são dos actores mais relevantes na vida dos adolescentes (Baptista et al., 2009). A ideia de não ter amigos é algo que a maior parte dos jovens encara como muito negativo, já que são vistos como essenciais não só durante a adolescência, mas para toda a vida, podendo influenciar a relação familiar e a área profissional (Tomé, 2009). Por sua vez, os pais são fonte de amor, carinho e educação, e são percebidos como sempre presentes (*Ibid.*).

O que acontece não é uma desvalorização do papel dos pais, é antes um conjunto de experiências, perspectivas e interesses comuns, que promovem a aproximação entre os adolescentes e potenciam a amizade (Rubin et al., 2006).

Uma das características que diferencia os amigos dos não-amigos, é o maior envolvimento em interacções positivas, de apoio e de prazer (Newcomb & Bagwell, 1995; Garcia & Pereira, 2008). Para além de melhores amigos, os melhores amigos são

companheiros; o companheirismo é definido como o envolvimento em actividades de agrado e interesse para os seus intervenientes (Buhrmester & Furman, 1987).

É estabelecida uma associação entre o estilo de vinculação e a experiência de companheirismo na relação de amizade com o melhor amigo: indivíduos com um estilo de vinculação evitante, mostraram níveis mais baixos de companheirismo com o seu melhor amigo (Saferstein, Neimeyer & Hagans, 2005); no nosso estudo, verifica-se uma associação positiva entre a vinculação aos pais e o companheirismo na amizade.

Berndt (1982) complexifica este *companheirismo*, referindo que as interacções observadas dentro de uma relação de amizade, tomam uma forma muito particular: a intimidade.

A amizade, como foi já referido, providencia suporte emocional; esta ligação favorece a sensação de segurança e de confiança nos outros (Shams, 2001), sentimentos que promovem a abertura para a partilha. Junto dos amigos, aprende-se a estar com os outros, e a partilhar experiências e sentimentos, sem receio de julgamento ou críticas (Tomé, 2009).

Relembrando, esta partilha também pode ser um importante factor na prevenção de comportamentos de risco (*Ibid.*) – a influência dos pares serve, muitas vezes, de pano de fundo a programas de intervenção e prevenção de comportamentos de risco na adolescência (p.e., Assis & Constantino, 2005; Baptista, Tomé, Gaspar de Matos, Gaspar & Cruz, 2009; Schenker & Minayo, 2005; Simões & Carvalho, 2009).

O espaço para a confiança é um requisito da relação de amizade, e tal só acontece se existir intimidade suficiente entre o par (Buhrmester & Furman, 1987).

O tipo de vinculação aos pais tem alguma relevância na experiência da intimidade, nas relações de amizade: no nosso estudo, a associação entre as duas variáveis é positiva; no estudo de Grabill e Kerns (2000), jovens com uma vinculação do tipo seguro, mostraram

valores mais elevados nas três dimensões da intimidade – confiança e sentir-se compreendido e apoiado durante a partilha.

Portanto, a percepção do suporte parental e a amizade de qualidade desenham um percurso saudável pela aventura que é a adolescência. No caminho da construção da identidade, onde a relação interpessoal é fundamental e os conflitos incontornáveis, a coordenação entre as duas variáveis em estudo aponta para maiores níveis de auto-estima e competência social e menor internalização dos problemas (Rubin, Dwyer, Kim, Booth-LaForce & Rose-Krasnor, 2004).

O nosso estudo também registou diferenças ao nível da percepção da qualidade da amizade, consoante o género. Facto confirmado pelo estudo de Souza e Hutz (2007), cujos resultados indicam que no sexo feminino, a percepção da amizade é mais funcional e positiva, quando comparados com os resultados relativos ao sexo masculino.

Independentemente das diferenças que se possam registar entre o género, a importância da primeira relação é constante – a relação com os pais é um equilíbrio entre todas as outras relações: se essa relação for positiva, então as outras também serão (Tomé, 2009).

Com a realidade laboral a submeter a uma entrada na escola cada vez mais precoce dos filhos, os pais vêm-se obrigados a moldar o conceito *Família* às suas rotinas (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

Bronfenbrenner (1985) chama a atenção para alterações ao nível do micro (a pessoa e a família) e mesossistema (a vizinhança e/ou a comunidade) – detrimento dos laços pessoais entre os familiares, diminuição do tamanho da família, redução do tempo dedicado à maternidade (estando a mulher mais voltada para actividades fora de casa), erosão e segregação do contacto da família com os vizinhos, restrição no espaço físico disponível para

a família e, como consequência, o condicionamento da procura de escolas que satisfaçam as necessidades da criança.

As condicionantes a esta alteração da unidade *Família* e das relações que lhe estão subjacentes, são numerosas e, muitas vezes, incontornáveis: os pais trabalham o dia todo fora de casa, voltando só ao final da tarde; a mulher, percebida como principal figura de apoio na família, deixa a casa para se empregar, sendo este “recente” papel encarado como benéfico; os filhos entram cada vez mais cedo para os espaços educativos ou para outros cuidadores que não os pais; os filhos vêem o seu tempo passado fora da escola, preenchido com actividades extra-curriculares; as noites, período de descanso, tranquilidade e reunião familiar, são ocupadas com os deveres dos filhos ou com a reunião em frente da televisão (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

O tempo passado em família é reduzido, a dedicação das mães à família alterou-se e os próprios pais consideram que a etapa “infância” está cada vez mais abreviada (*Ibid.*).

De facto, estamos perante uma nova infância, adaptada às condições onde ela ocorre e ao ideal subjacente aos cuidados que lhe devem ser dispensados (*Ibid.*), numa sociedade em constante mudança, onde a família não é produto final nem único; é antes a reflexão desta metamorfose, na sua lógica, ritmo, horizontes, conteúdos e práticas (Esteves, 1990).

Quer isto dizer que o desenvolvimento do adolescente está em risco? Tendo em conta que o prognóstico para relações de amizade de qualidade assenta nas primeiras relações (p.e., Schneider, Atkinson & Tardif, 2001) e que o desenvolvimento do adolescente está intimamente relacionado com essas relações de amizade (p.e., Alves-Martins, 1998; Berndt & Keefe, 1996; Gouveia-Pereira, 1998; Matos, 2008; Parker & Asher, 1993), falhas ao nível do estabelecimento da primeira relação, condicionarão tudo o resto?

Relembrando, a amizade modera os factores de risco e de ajustamento, protege contra a vitimização e estabelece condutas que minimizam o mal e maximizam o ajustamento (Bukowski, Motzoi & Meyer, 2009).

A OMS (2011), num olhar percentual sobre a juventude de hoje, refere que a maioria dos adolescentes são saudáveis. No entanto, mais de 2,6 milhões de jovens entre os 10 e os 24 anos, morrem anualmente por causas passíveis de prevenção. Um número ainda mais relevante, sofre de doenças que limitam ou impedem o seu desenvolvimento – anualmente, 20% dos adolescentes experimenta problemas ao nível da saúde mental (ansiedade e/ou depressão) e 40% dos novos casos de HIV correspondiam a jovens entre os 15 e os 24 anos (o último registo foi feito em 2009). Quase dois terços das mortes prematuras da adolescência e um terço do conjunto total de doenças dos adultos, estão associadas a condições ou comportamentos que começaram na adolescência – p.e., o tabagismo, os comportamentos sexuais irresponsáveis e a exposição à violência.

Estamos perante factos preocupantes, que antecipam um futuro próximo. Os jovens de hoje, são os adultos de amanhã, o que suscita preocupações, obriga a prevenções e motiva intervenções.

Mas qual é afinal a origem do problema?

Se o motivo recuar à primeira relação, devemos lembrar-nos que o papel dos pais não é só a adequação dos cuidados às necessidades do bebé; também é função dos cuidadores, preparar o campo comunicativo, social e cognitivo da criança. Para além do mais, a criança estabelece relações fora do contexto familiar, tornando-se essencial analisar estas experiências e mecanismos, aquando da discussão do seu desenvolvimento (Lamb, 2005).

Tendo em conta que estamos a falar apenas de uma percentagem que contempla nem metade da população, o que dizer da parcela que se considera saudável? Desmentimos as

transformações que a realidade laboral veio implementar e afirmamos que se tratam de famílias cujas rotinas desafiam as necessidades actuais?

Parece óbvia a necessidade de mais estudos para que se consiga perceber quão decisiva é a qualidade da vinculação no estabelecimento de relações de amizade de qualidade e, por sua vez, a influência destas relações no desenvolvimento do adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment – A Psychological Study of the Strange Situation*. New Jersey: Hillsdale. Consultado em Julho, 25, 2011, através de <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=10105617>
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment* (pp.319-335). Consultado em Julho, 15, 2011, através de http://media.smith.edu/media/ereserves/ssw/a-e/allen_attachment.pdf
- Alves-Martins, M. (1998). Dinâmica de escola e identidades sociais. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX Colóquio de Psicologia e Educação* (pp. 43-49). Lisboa: ISPA.
- Assis, S. G., & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(1), 81-90. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a08v10n1.pdf>
- Baptista, I., Tomé, G., Matos, M. G., Gaspar, T., & Cruz, J. (2009). A escola. In M. G. Matos, & D. Sampaio (Coord.) *Jovens com saúde: diálogo com uma geração* (pp.202-214). Alfragide: Texto Editora.
- Berndt, T. (1982). The features and effects of friendship in early adolescence. *Child Development*, 53, 1447-1460. Consultado em Julho, 28, 2011, através de <http://mltei.org/cqn/Adolescent%20Development/Resources/Peers/Berndt,%20the%20features%20and%20effects%20of%20friendship%20in%20early%20adolescence.pdf>
- Berndt, T., & Keefe, K. (1995). Friends influence on adolescents adjustment to school. *Child Development*, vol. 66, n° 5, 1312-1329.
- Booth, C. L., Kenneth, H. R., & Rose-Krasnor, L. (1998). Perceptions of emotional support from mother and friend in middle childhood: links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development*, v. 69, n°2, 427-442. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de http://www.rubin-lab.umd.edu/pubs/Downloadable%20pdfs/kenneth_rubin/parent-child%20relationships%20&%20parenting/booth%20et%20al%20attachment%20CD%201998.pdf
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol. 1: Attachment*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. Consultado em 7 de Junho de 2011, através de <http://pt.scribd.com/doc/46786672/Bowlby-1969-Attachment-and-Loss-Volume-1-Attachment>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. Middlessex: Penguin Books.
- Bronfenbrenner, U. (1985). Contextos de crianza del niño, problemas e prospectiva. *Infancia y Aprendizaje*, v.29, n°1, 44-55.

- Bukowski, W. M., Motzoi, C., & Meyer, F. (2009). Friendship as Process, Function and Outcome. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.). *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups* (pp. 217-231). New York: Guilford.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, 1101-1113. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.du.edu/psychology/relationshipcenter/publications/pdfs/Thedevelopmentofcompanionshipintimacy35.pdf>
- Carvalho, A. M., Bastos, A. C., Rabinovich, E. P., & Sampaio, S. M. (2006). Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. *Psicologia em Estudo*, v.11, n°3, 589-598. Consultado em Julho, 25, 2011, através de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a14.pdf>
- Cheng, H., & Furnham, A. (2002). Personality, peer relations, and self-confidence as predictors of happiness and loneliness. *Journal of Adolescence*, 25, 327-339. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de http://www.fatih.edu.tr/~hugur/self_confident/Personality,peer%20relations,%20and%20self-confidence%20as%20predictors%20of%20happiness%20and%20loneliness.PDF
- Clark, K., & Ladd, G. (2000). Connecteness and autonomy support in parent-child relationships: links to children's socioemotional orientation and peer relationships. *Developmental Psychology*, vol. 36, n° 4, 485-498.
- Collins, N. (1996). Working models of attachment: implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 71, n° 4, 810-832.
- Coplan, R. J., & Arbeau, K. A. (2009). Peer Interactions and Play in Early Childhood. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.). *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups* (pp. 143-161). New York: Guilford.
- Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4(XXIV), 509-517. Consultado em Julho, 27, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n4/v24n4a06.pdf>
- Costa, M. E. (1991). Desenvolvimento da identidade em, contexto escolar. In B. P. Campos (eds), *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social* (pp. 143-173). Porto: Ed. Afrontamento.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise* (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Esteves, A. J. (1990). *A família numa sociedade em mudança*. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3051.pdf>
- Feldman, R. S. (2005). *Development across the life span* (4ª ed). New Jersey: Person Prentice Hall.

- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.web-research-design.net/PDF/F&D1997.pdf>
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interacção em Psicologia*, 9(2), 285-294. Consultado em Julho, 14, 2011, através de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/4787/3676>
- Garcia, A., & Pereira, P.C. (2008). Amizade na infância: um estudo empírico. *PSIC-Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9(1), 25-34. Consultado em Julho, 14, 2011, através de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a04.pdf>
- Gouveia-Pereira, M. (1995). *Percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISPA.
- Gouveia-Pereira, M. (1998). Os adolescentes e os pais: diferentes percepções acerca do grupo de pares. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX Colóquio de Psicologia da Educação* (pp. 71-97). Lisboa: ISPA.
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins, M., & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2(XVIII), 191-201. Consultado em Julho, 14, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v18n2/v18n2a05.pdf>
- Grabill, C. M., & Kerns, K. A. (2000). Attachment style and intimacy in friendship. *Personal Relationships*, 7, 363-378. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6811.2000.tb00022.x/pdf>
- Hartup, W. W. (1983). Peer relations. In P. H. Mussen (4ª Ed.), *Handbook of Child Psychology – vol. 4* (pp. 103-196). New York: Wiley.
- Hartup, W. W. (1992). Friendships and their developmental significance. In *Childhood social development: contemporary perspectives*, 175-205. Hove: Lea.
- Hay, D. F., Caplan, M., & Nash, A. (2009). The Beginnings of Peer Relations. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.). *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups* (pp. 121-142). New York: Guilford.
- Keefe, K., & Berndt, T. (1996). Relations of friendship quality to self-esteem in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, vol. 16, nº1, 110-129.
- Lamb, M. E. (2005). Attachments, social networks, and developmental contexts. *Human Development*, 48, 108-112.
- Leve, L. D., & Fagot, B. I. (1997). Prediction of positive peer relations from observed parent child-interactions. *Social Development*, vol. 6, nº2, 254-269.

- Marcotte, G., Marcotte, D., & Boufford, T. (2002). The influence of familial support and dysfunctional attitudes on depression and delinquency in an adolescent population. *European Journal of Psychology of Education*, vol. XVII, nº 4, 363-376.
- Matos, M. G. (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois): relatório português do estudo HBSC*. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Matos, M. G. (2008). A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica*, 2(XXVI), 251-263. Consultado em Junho, 13, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n2/v26n2a07.pdf>
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, vol. 20, nº 1, 97-126. Consultado em Julho, 15, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a06.pdf>
- Matos, M. G., Simões, C. Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., Dnis, J. A., et al. (2006). *A saúde dos jovens adolescentes portugueses: hoje em 8 anos*. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/Relatorio_nacional_2006.pdf
- Mednick, S. A., & Schulsinger, F. (1970). Factors related to breakdown in children at high risk for schizophrenia. In M. Roff & D. F. Ricks (Eds.). *Life History Research in Psychopathology*, vol. 1(pp. 51-93). Mineapolis: University of Minnesota Press
- Newcomb, A., & Bagwell, C. (1995). Children's friendship relations: a meta-analytic review. *Social Development*, v. 5, nº2, 189-202.
- Oliveira, C. V. (1999). *Os jovens e os seus pares: estudo sociométrico e psicopatológico de uma população escolar*. Coimbra: Universidade de Medicina.
- Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Development Psychology*, vol. 29, nº 4, 611-621. Consultado em Junho, 13, 2011, através de http://www.psych.utah.edu/classes/2007_fall/3220_001/readings/parker.pdf
- Ribeiro, J. L., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, 1(XX), 67-75. Consultado em Julho, 15, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v20n1/v20n1a07.pdf>
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4(XXII), 643-665. Consultado em Junho, 7, 2011, através de

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n4/v22n4a01.pdf>

Rubin, Z. (1980). *As Amizades das Crianças*. Lisboa: Diglivro.

Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.). *Handbook of Child Psychology – vol. 3: Social, Emotional, and Personality Development* (pp. 571-645). New Jersey: John Wiley, & Sons.

Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, v. 24, n^o4, 326-356. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de http://www.rubin-lab.umd.edu/pubs/Downloadable%20pdfs/kenneth_rubin/Friendship/J.%20Early%20Adolescence.pdf

Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Kim, A. H., & Burgess, K. B. (2004). Attachment, Friendship, and Psychosocial Functioning in Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24(4), 326-356. Consultado em Julho, 28, 2011, através de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1461415/>

Saferstein, J. A., Neimeyer, G. J., & Hagans, C. L. (2005). Attachment as a predictor of friendship qualities in college youth. *Social behavior and personality*, 33(8), 767-776. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://thesquare.jiv.us/academic/comm2020/Favorite-Theory-Sources/Predictor%20of%20Friendship%20Qualities.pdf>

Schaffer, H. N. (1996). *Social Development*. Oxford: Blackwell. Consultado em Julho, 25, 2011, através de http://books.google.pt/books?id=DHbKTvVQzuYC&pg=PA446&lpg=PA446&dq=social+development+schaffer&source=bl&ots=efwAyLjFtg&sig=PtY8CsF3IC6dH3ebXbhHEMBMDs4&hl=pt-PT&ei=LpYtTpDEMNC28QPj-eCaDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CCkQ6AEwAQ#v=onepage&q&f=false

Schenker, M., & Minayo, M. C. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>

Schneider, B. H., Atkinson, L., & Tardif, C. (2001). Childparent attachment and children's peer relations: a quantitative review. *Developmental Psychology*, 37, 86-100. Consultado em Julho, 27, 2011, através de http://www.psy.miami.edu/faculty/dmessenger/c_c/rsrscs/rdgs/attach/schneider.peerAttach.dp2001.pdf

- Shams, M. (2001). Social support, loneliness and friendship preference among British Asian and non-Asian adolescents. *Social Behavior and Personality*. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3852/is_200101/ai_n8935124/
- Silva Leme, M. I. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a10v17n3.pdf>
- Simionato-Tozo, S. M., & Biasoli-Alves, Z. M. (1998). *O cotidiano e as relações familiares em duas gerações*. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v8n14-15/11.pdf>
- Simões, C., & Carvalho, M. (2009). A violência entre pares. A escola. In M. G. Matos, & D. Sampaio (Coord.) *Jovens com saúde: diálogo com uma geração* (pp.104-116). Alfragide: Texto Editora.
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2007). Diferenças do género na percepção da qualidade da amizade. *Psico*, v. 38, n^o2, 125-132. Consultado em Novembro, 6, 2011, através de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1464/1986>
- Steinberg, L. (2008). *Adolescence* (8^a ed). New York: McGraw-Hill.
- Tomé, G. (2009). Os amigos e o grupo. In M. G. Matos, & D. Sampaio (Coord.) *Jovens com saúde: diálogo com uma geração* (pp.156-163). Alfragide: Texto Editora.
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3(XXVI), 435-445. Consultado em Junho, 13, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n3/v26n3a06.pdf>
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 85-95. Consultado em Julho, 25, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a02.pdf>
- Veríssimo, M., & Salvaterra, F. (2006). *O modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos num grupo de crianças adoptadas*. Consultado em Julho, 25, 2011, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a03.pdf>
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, February*. Consultado em Novembro, 6, 2001, através de http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/waters_cummings.pdf

World Health Organization (2011). Consultado em Novembro, 6, 2011. Através de <http://www.who.int/en/>

Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88, 83-101. Consultado em Julho, 25, 2011, através de http://onemvweb.com/sources/sources/friendship_relations.pdf